

CAMPOS ENTRELAÇADOS: A FOTOGRAFIA E A PESQUISA ANTROPOLÓGICA

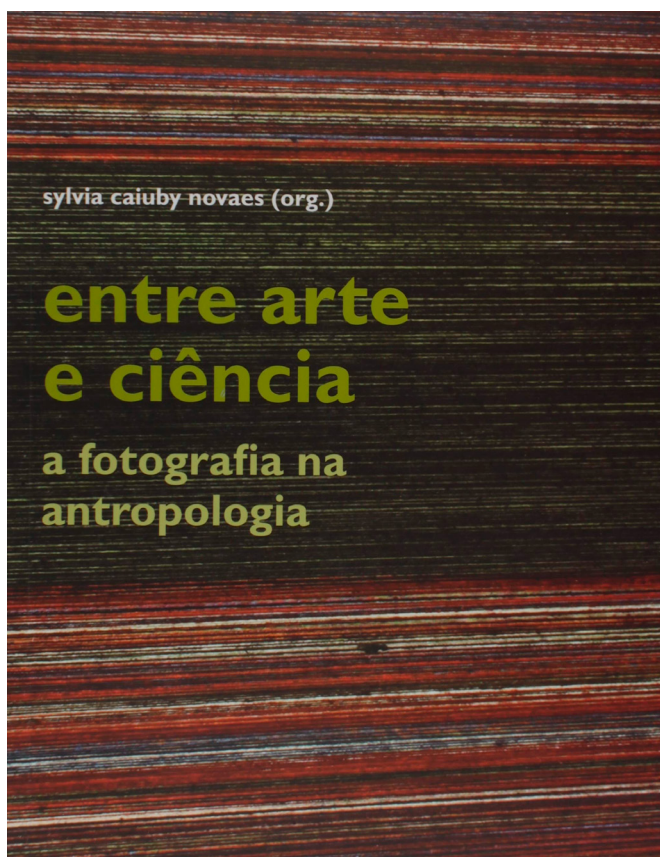
DOI
[https://dx.doi.org/10.11606/
issn.2525-3123.gis.2019.162374](https://dx.doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.162374)

CAIUBY NOVAES, Sylvia (Org.). 2015. *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*. São Paulo: Edusp, 224p.

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-2826-4628>

FABIANA BRUNO

L'AGRIMA, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil, 13083-896 - lagrimaifch@yahoo.com.br



A contarmos da primeira metade do século XIX, as histórias da antropologia e da fotografia mereceram capítulos vinculados, que atestam uma relação de proximidade ao longo de suas trajetórias. Nos dias atuais, considerando-se o universo de saturação do mundo das imagens, referenciado por muitos autores como “pós-fotográfico”,¹ à guisa das confidências entre fotografia e antropologia, o que se subscreve é um cenário de reflexões críticas sobre “os usos” e “o pensamento” das imagens fotográficas em suas perspectivas antropológicas. Nesse cenário, emerge também um arco de problematizações acerca de um conhecimento próprio das imagens e indaga-se sobre qual é o lugar das imagens e o que queremos delas.

A coletânea *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*, organizada pela antropóloga Sylvia Caiuby Novaes (2015), sintetiza em nove artigos, escritos por pesquisadores brasileiros, um conjunto de produções que traz à superfície evidências para atestar a premente necessidade de potencializar intersecções entre a arte, a literatura e as ciências no desenvolvimento de estudos antropológicos. Trata-se de uma obra que reafirma, no presente, uma necessária visão para demover históricas linhas divisórias delimitantes, que criaram “disciplinas” e “fronteiras”, dificultando às imagens um lugar assegurado no pensamento antropológico ao longo do século XX.

Neste principiar do século XXI, perturbado por um cenário de tempestades visuais e apelos imagéticos em demasia, surgem outros desafios urgentes, imperativos a um antropólogo-fotógrafo, na premência por reinvenção, novas metodologias e experimentações visuais.

Aos antropólogos-fotógrafos, interessados em produzir etnografias utilizando-se do sensível das imagens, parece estar presente, entre outros fatores de reinvenção, o desafio de fazer sobreviver “as pequenas luzes”. Denis Roche, ao descrever sua experiência – no caso, a de um poeta fotógrafo – em sua obra *O desaparecimento dos vaga-lumes*, publicada na França em 1982, escreve que os fotógrafos² são como insetos em deslocamento, viajantes, com seus grandes olhos sensíveis à luz. Eles formam “uma tropa de vaga-lumes avisados. Vaga-lumes ocupados com sua iluminação intermitente, sobrevoando a baixa altitude os

1. A chamada Era Pós-fotográfica é reconhecida particularmente neste século XXI, a partir da Segunda Revolução Digital, caracterizada pela internet, pelas redes sociais e pela telefonia móvel. Joan Fontcuberta escreveu em seu livro *A fúria das imagens* (2016) um “manifesto” no qual destaca os reflexos desse contexto do pós-fotográfico na atuação de um fotógrafo. No texto, afirma que, para o fotógrafo, importa mais prescrever sentidos às imagens que gerar fotografias. Para o autor, o valor determinante da criação não está apenas em fabricar imagens, mas em saber gerir sua função, seja para novas, seja para velhas fotografias.

2. Essa passagem é lembrada por Georges Didi-Huberman em seu livro *Sobrevivência dos vaga-lumes* (2011), quando retoma, entre suas referências, o texto sobre “o desaparecimento dos vaga-lumes”, de Pasolini, para refletir sobre aspectos políticos e estéticos acerca da filosofia, da história e da imagem.

descaminhos dos corações e dos espíritos da contemporaneidade. Tique-taque mudo dos vaga-lumes errantes, pequenas iluminações breves [...]” (Roche 1982, 149-150).

Nessa direção, a coletânea nos faz lembrar de autores, pesquisadores e antropólogos, envolvidos com a disposição de trabalho com as imagens, sob o efeito sensível dessas luzes intermitentes dos vaga-lumes errantes com suas iluminações breves, em meio a um mundo de altas luzes. Para a organizadora do livro, o profícuo encontro da fotografia e da antropologia está no fato de que a “fotografia expressa, muito mais que o texto, relações” (Caiuby Novaes 2015, 18). Para ela, proximidade, profundidade de campo e um olhar atento e sensível poderiam resumir, como boas metáforas de um léxico fotográfico, os sentidos capazes de permear o trabalho de campo na antropologia. O caráter híbrido da fotografia, situado entre a arte e a ciência, como destacará Caiuby Novaes em seu texto de apresentação da obra, contribui para abrir processos alternativos de expressão e conhecimento capazes de aprofundar a densidade da etnografia por meio do uso de outras formas de narrativas não verbais. Sobretudo, diz Caiuby Novaes, permite a expressão de uma “verdade sensível”, resultante de uma observação guiada pela sensibilidade treinada do antropólogo.

Jacques Rancière, em *A partilha do sensível* (2009), dirá que é ao regime representativo que se contrapõe o regime das artes denominado estético, bem como ao sensível, isto é, uma experiência e um pensamento de outra ordem sobre as coisas do mundo ou até mesmo sobre os mundos possíveis.

No regime estético das artes, as coisas da arte são identificadas por pertencerem a um regime específico do sensível. Esse sensível, subtraído a suas conexões ordinárias, é habitado por uma potência heterogênea, a potência de um pensamento que se tornou ele próprio estranho a si mesmo: produto idêntico ao não produto, saber transformado em não saber, *logos* idêntico a um *pathos*, intenção do inintencional etc. (Rancière 2009, 32).

A coletânea, ora focalizada, lança luz sobre duas vertentes: primeiro, amplia o debate desenvolvido ao longo das últimas décadas, objeto de empreendimento de uma geração de antropólogos – na qual se insere Sylvia Caiuby Novaes –, e provoca uma análise atenta acerca dos avanços efetivos na produção científica de cunho antropológico apoiada pelo uso da imagem e suas intersecções com a arte.

Na história da antropologia, o uso da fotografia ganhou diferentes capítulos, tendo sido utilizada como “instrumento” ou como uma “técnica de registro” especialmente para acompanhar os cadernos de campo. Conforme retrata Caiuby Novaes, nas primeiras páginas de apresentação do

livro, Franz Boas será um dos primeiros a fazer uso da fotografia, já em 1883, quando inicia sua carreira de geógrafo e dirige-se à ilha de Baffin, ainda numa fase em que o uso da fotografia acompanha os estudos da antropologia física.

Muito embora a fotografia não tenha despertado o interesse de autores como Radcliffe-Brown, adverte Caiuby Novaes, a imagem fotográfica terá notória relevância nas monografias de Bronislaw Malinowski desde 1922³, ganhando relevo nos anos de 1936 e 1939, quando Margaret Mead e Gregory Bateson, pesquisando os balineses, buscaram conectar os dados de pesquisa de campo a um duplo registro: o verbal e o visual. Essa etnografia dará origem à obra *Balinese Character: a photographic analysis* (1942), considerada a fundadora da disciplina chamada antropologia visual.

Para a organizadora da coletânea, que escreveu em 1999⁴ um importante artigo sobre a relação entre Lévi-Strauss e a fotografia, a imagem conquistou uma dimensão importante também nas obras de Claude Lévi-Strauss⁵, como técnica de registro que acompanhava seu caderno de campo, embora o próprio antropólogo não tenha ressaltado – e nem mesmo reconhecido diretamente – a importância da fotografia em seus trabalhos antropológicos.

Reservando atenção especial a “uma perspectiva transversal”, os artigos apresentados nessa coletânea não configuram a pretensão de equacionar a questão híbrida da fotografia entre a arte e a ciência. Ao contrário, procuram salientar como esse caráter cria possibilidades efetivas de invenção e de novas formas de expressão capazes de aproximar a antropologia de outras áreas, como a literatura e as artes, distanciando, assim, a fotografia de um lugar de mero instrumento ou representação. Na antropologia, a fotografia, como ressalta a organizadora da obra, é aquilo que nos ajuda a refletir sobre “processos de construção da realidade”.

Nesse sentido, a tônica dos artigos selecionados oferece ao leitor a possibilidade profícua de mergulhar visualmente nas fotografias para conhecer como elas compõem as pesquisas e como elas próprias são expressões e um modo de conhecer. O conjunto de artigos orchestra um leque de conhecimento a partir de pesquisas norteadas pela confiança às imagens (à fotografia), que habita e ocupa lugares que vão da “expressividade lírica” ao “elemento de troca na pesquisa”, passando pelo “modo de dar

3. Sobre esse tema, Etienne Samain escreveu um longo artigo, intitulado “Ver e dizer na tradição etnográfica. Bronislaw Malinowski e a fotografia”, publicado em *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

4. Refiro-me ao artigo “Lévi-Strauss, razão e sensibilidade” publicado na *Revista de Antropologia* vol. 42, n. 1-2, São Paulo, 1999.

5. Parte das fotografias de Lévi-Strauss produzidas durante suas pesquisas etnográficas no Brasil foi publicada em *Tristes trópicos* (1955) e no álbum *Saudades do Brasil* (1994).

visibilidade às pessoas”, “poder de agência” e “objeto patogênico”, sem se esquecer do lugar da fotografia como “imagem sagrada” ou expressão de “estados sensíveis de visões, encantamentos e magia”.

O primeiro artigo do livro, intitulado “O objeto, a arte e o artista”, de Sandra Rossi de Araújo Costilhes, é acompanhado de um ensaio fotográfico sobre a tecelagem manual em Minas Gerais e em Chinchero, uma comunidade de tecelãs no Peru andino. Com fotografias encadeadas em páginas duplas, o ensaio procura evidenciar uma simbiose entre o corpo da artesã/artista. A sequência de 34 imagens focaliza gestos e materiais desvelados por um olhar atento e sensível sobre o tecer, o trançar e o tramar. Assim, as imagens fotográficas ultrapassam o mero registro, não apenas descrevem, mas parecem nos fazer sentir os materiais pelas suas cores e texturas.

Os três artigos seguintes potencializam a fotografia na pesquisa antropológica como um modo de dar visibilidade a certas comunidades e grupos minoritários – no caso, jogadores de rúgbi, tetraplégicos, presidiários de Bangu II e idosos asilados. As fotografias de Joon Ho Kim, no artigo “O rúgbi em cadeiras de rodas: um breve ensaio sobre a (des) construção da imagem da deficiência física” foram produzidas durante um jogo de rúgbi e instigam o leitor a uma outra maneira de olhar os tetraplégicos, quase sempre invisíveis para a sociedade.

Para este pesquisador, que atuou junto ao time da Associação de Esportes Adaptados de Campinas (Adeacamp), a fotografia serviu como forma de inserir-se no grupo estudado, enquanto atendia a demandas como pesquisador e “fotógrafo oficial” da equipe. A linguagem visual escolhida por Kim estrutura-se pelos elementos: força, velocidade, tensão e disputa de corpos, ao se movimentarem com muita habilidade em suas cadeiras, a ponto de que elas parecem ter se tornado extensões de seus corpos. Dessa maneira, o ensaio de 21 fotografias alcança um lugar de “desconstrução”, tornando os tetraplégicos “corpos visíveis”.

Igualmente olhando para o eixo de invisibilidade social e para o lugar do corpo como imagem, Bárbara Copque integra ao artigo “Fotografar: expor (e se expor) – a utilização da fotografia no contexto da violência” um ensaio produzido a partir de fotografias das tatuagens de 15 detentos da penitenciária Alfredo Tranjan (Bangu II), um presídio de segurança máxima. As fotografias traduzem as tatuagens como uma grafia de um silêncio codificado, que foge do controle, ainda que impresso em um “corpo aprisionado” no contexto do cárcere. Montadas em dípticos pela autora, as imagens figuram como emendas vertiginosas de quadros fotográficos preenchidos por fragmentos de corpos (braços, pernas, mãos, barrigas, bocas e peitos). Bárbara estabeleceu um processo de pesquisa

compartilhado, garantindo, a partir do diálogo, a confiança dos 15 pesquisados, os quais puderam decidir juntamente com a pesquisadora o que deveria ou não ser mostrado como imagem.

O artigo de Clarice E. Peixoto “As coisas não são como a gente quer...: viver e morrer em instituição asilar” vem acompanhado das fotografias também de autoria da antropóloga Bárbara Copque, que integrou, como fotógrafa, essa pesquisa sobre violência familiar e violência institucional no caso de pessoas idosas, ao lado de Clarice. As fotografias, em preto e branco, focalizam o modo de vida de idosos em um ambiente asilar e dão a ver os gestos mais minúsculos, como o pentear dos cabelos, o ouvir o “radinho de pilhas” ou o fumar um cigarro de palha. São composições que dão relevo às expressões ordinárias e cotidianas e por isso nos afetam e nos fazem pensar.

O quinto artigo da coletânea, “Quando a imagem é a pessoa ou a fotografia como objeto patogênico”, de Alice Villela, procura pensar e repensar a própria noção de “agência” das imagens, nos termos de Alfred Gell (1998), aplicada à ideia de pessoa ameríndia na sociedade asurini do Xingu, um grupo dos tupis-guaranis. Partindo das relações que essa sociedade estabelece com as imagens de seu próprio povo, reproduzidas em fotografias, a autora argumenta que, para os asurinis, a fotografia pode se converter em “objeto patogênico”. Para os asurinis, a câmera fotográfica suga o *ynga* (princípio vital ou “sombra”) da pessoa fotografada, pois produz a sua imagem, conhecida como *ayngava*. Ainda que a fotografia não substitua a pessoa, torna-se um ser em si mesmo, que é parte da pessoa. “E eis aqui o perigo da imagem fotográfica: a agência descontrolada sobre o corpo da pessoa fotografada, tendo em vista a consubstanciação do *ynga* entre pessoa e imagem” (Villela 2015, 119).

O poder de agência, o estado sagrado e de culto atribuído à fotografia é o que procura discutir também o pesquisador Ewelter Rocha em “Memória e verossimilhança nos retratos pintados da ladeira do Horto”. Rocha analisa os mecanismos mnemônicos dos retratos pintados na região de Juazeiro do Norte, no Ceará, que dividem o espaço privilegiado da casa como espécies de altares. Retratos correspondentes a uma narrativa fragmentada e inventiva “destituídos de um referente real no passado efetivamente vivido”, cuja intenção é restaurar e atualizar uma foto antiga – por exemplo, uma fotografia de um parente falecido, das bodas dos donos da casa reunindo pessoas, a partir de um original fotográfico cedido ao fotopintor como uma referência visual.

Essa mesma vivência do sagrado é o que propõe Rafael Hupsel, no ensaio de oito fotografias em preto e branco que acompanha o artigo “Ayahuasca e visualidade: a expressão do sagrado na narrativa fotográfica”, em

que as imagens refletem sensações experimentadas em rituais xamânicos envolvendo a *ayahuasca* em cerimônias da Irmandade Beneficente Natureza Divina, da qual participa há dez anos. Hupsel pergunta: “Qual é a capacidade da imagem fotográfica de expressar a vivência do sagrado e relatar experiências sensoriais relacionadas à prática da fé?”.

Para o pesquisador, é na poética visual, construída a partir de elementos do fotográfico, como luz, sombra, grafismos, foco, velocidade, perspectiva e enquadramento, que se estabelece a ponte entre o referente indicial e a expressão do sagrado. “A poética visual é a porta para que o olhar adentre e experimente a sensação do invisível” (Hupsel 2015, 149). Para além de uma representação, Hupsel procura potencializar a capacidade das fotografias de fazer aparecer não apenas o que está em uma superfície visualmente impregnada por um referente, mas aquilo que se expressa como sensações e emoções, na passagem de uma imagem para outra, e que, portanto, permite despertar o imaginativo, o mágico ou ainda o “invisível da expressão da fé”.

Procurando aprofundar essa mesma perspectiva, a obra traz dois artigos – de Vitor Grunvald e Fernando de Tacca – os quais problematizam o caráter referencial e indicial da fotografia na antropologia. Grunvald, em “Alter-retrato, fotografia e travestimento”, partindo de um retrato que não espelha ou imita “o real”, o autorretrato de Duchamp travestido de Rose Sélavy, propõe uma reflexão sobre a imagem fotográfica como um lugar de “construção de um devir”, que se situa no desejo e na imaginação. Para o autor, o autorretrato de Duchamp pode ser compreendido como um “alter-retrato”, pois o que está em jogo é a noção de simulacro. Nesse artigo, Grunvald retoma inúmeras imagens de pinturas e retratos fotográficos – como forma de abrir possibilidades visuais para pensar e acompanhar as suas reflexões – até chegar a uma importante fotografia produzida por Man Ray, datada de 1920/1921, em que lá está Marcel Duchamp travestido como Rose Sélavy.


O conjunto da obra é encerrado pelo artigo de Fernando de Tacca “Fotografia: intertextualidades entre ciências, arte e antropologia”, reiterando o aspecto de que a imagem sempre esteve impregnada de “ambiguidades e polissemias”. Tacca disserta sobre uma reflexão acerca dos lugares expressivos para o fazer antropológico, reivindicando para a fotografia “outro patamar de significação, para além de suas ‘verdades’ intrínsecas” (2015, 203). O autor ressalta a necessidade de “aliar a força do texto de uma etnografia densa nos moldes plantados e semeados por Clifford Geertz com uma expressividade do fotógrafo como criador, para além das amarras do método” (2015, 204). Tacca defende, ainda, que a antropologia visual deve se apropriar do fotográfico “para além do método e da disciplina”, lançar-se “para as fronteiras da arte, nas quais

o antropólogo pode aspirar ao artístico, ficcionando e friccionando”, e inspirar-se na forma literária para “deixar que o olhar fotográfico se solte das palavras, sem perder a ancoragem, e o fotógrafo-antropólogo que busque uma estética pessoal, uma autoria também, não somente por meio do texto” (2015, 204).

A coletânea de nove artigos é um convite aos pesquisadores interessados na produção antropológica *com* o visual e *do* visual fotográfico e instiga um exercício necessário, para que se ultrapasse o debate silente e ecoe movimentos de pesquisas ancorados pelo contributo das imagens no conhecimento antropológico. Uma leitura para indagar-se sobre modos de ver, pensar e mostrar por imagens, guiando-se não somente pela “forma realista”, mas, como sintetizará a organizadora, “empenhado em apresentá-la de um ponto de vista capaz de expressar a realidade poética visual que traz em si mesma sua verdade” (2015, 18).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bateson, Gregory e Margaret Mead. 1942. *Balinese Character: A Photographic Analysis*. New York: New York Academy of Sciences.
- Caiuby Novaes, Sylvia (org.). 2015. *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*. São Paulo: Edusp.
- Caiuby Novaes, Sylvia. 1999. “Lévi-Strauss, razão e sensibilidade” In *Revista de Antropologia* 42, 1-2. São Paulo.
- Didi-Huberman, Georges. 2011. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Fontcuberta, Joan. 2016. *La furia de las imágenes: Notas sobre la postfotografía*. Barcelona: Galaxia Gutenberg.
- Hupsel, Rafael. 2015. “Ayahuasca e visualidade: a expressão do sagrado na narrativa fotográfica”. In Caiuby Novaes, Sylvia (org.). *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*. São Paulo: Edusp. pp.143-160.
- Lévi-Strauss, Claude. 1996. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lévi-Strauss, Claude. 1994. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rancière, Jacques. 2009. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34.
- Roche, Denis. 1982. *La disparition des lucioles: réflexions sur l'acte photographique*. Paris: Éditions de L'Étoile.
- Samain, Etienne. 1995. “Ver e dizer na tradição etnográfica. Bronislaw Malinowski e a fotografia”. *Horizontes antropológicos*, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set.
- Tacca, Fernando de. 2015. “Fotografia: intertextualidades entre ciências, arte e antropologia”. In Caiuby Novaes, Sylvia (org.). *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*. São Paulo: Edusp. pp.197-214.
- Villela, Alice. 2015. “Quando a imagem é a pessoa ou a fotografia como objeto patogênico”. In Caiuby Novaes, Sylvia (org.). *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*. São Paulo: Edusp. pp.109-121.



FABIANA BRUNO é doutora em Multimeios (IA/Unicamp) e pesquisadora vinculada ao Departamento de Antropologia (IFCH) da Unicamp, onde se pós-doutorou em Antropologia Social. É cofundadora e pesquisadora do LA'GRIMA-IFCH/Unicamp (Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem). Obteve o Prêmio Capes de Melhor Tese da área de Ciências Sociais Aplicadas (2010) com a pesquisa "Fotobiografia – Por Uma Metodologia da Estética em Antropologia", orientada pelo Prof. Dr. Etienne Samain. Orienta e organiza projetos, curadorias de exposições e fotolivros em parceria com o Ateliê Fotô e Fotô Editorial, em São Paulo. E-mail: fabybruno@uol.com.br.

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 22/11/2018

Aprovado em: 28/03/2019